



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA**

MARIA SANDRA DO NASCIMENTO SANTOS

**A LIDERANÇA DE MULHERES NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE
DIVINO ESPIRITO SANTO VICINAL 15**

BRASIL NOVO - PA

2018

MARIA SANDRA DO NASCIMENTO SANTOS

**A LIDERANÇA DE MULHERES NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE
DIVINO ESPIRITO SANTO VICINAL 15**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do curso de Educação do Campo – da Universidade Federal do Pará, campos Altamira, como requisito para obtenção do grau no curso de Educação do Campo licenciatura plena em Ciências da Natureza.

Orientadora. PROFA MSC. ANA PAULA DOS SANTOS SOUZA.

BRASIL NOVO-PA

2018

Sumário

1- INTRODUÇÃO	4
2- LÓCUS	7
3- RELATOS DAS MULHERES	8
4- MULHERES PARTICIPAÇÃO E POLITICAS PUBLICAS.....	8
5- MULHERES, LAZER e CUTURA	11
6- MULHERES MIGRANTES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....	13
7-ATUALMENTE COMO SE ENCONTRAM AS ENTREVISTADAS	13
8-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
9-REFERENCIAS.....	16
10-ANEXOS.....	17

A LIDERANÇA DE MULHERES NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DIVINO ESPIRITO SANTO VICINAL 15

Resumo

O presente artigo aborda a história de uma comunidade rural que sempre esteve sob a liderança de mulheres; No início deste artigo há um apanhado geral sobre a história da abertura da Transamazônica, em seguida consta histórias de mulheres protagonistas para o desenvolvimento social, cultural e intelectual da comunidade Divino Espírito Santo localizada na Vicinal 15, a partir de relatos de mulheres que foram convidadas a participar de uma pesquisa com entrevistas semi-estruturadas, nas quais teriam que contar como foi sua trajetória até os dias atuais na busca de melhorias para esta comunidade.

Palavras- chave: *Desenvolvimento. Protagonismo feminino. Mulheres. Comunidade. Conquistas.*

1- INTRODUÇÃO

O Presidente da República Emílio Garrastazul Médici, no início da década de 1970, viu na Amazônia uma saída para transformar um espaço vazio, na visão dele e de vários brasileiros, em um espaço a ser ocupado por pessoas que queriam trabalhar, mas não tinham terra para plantar, esta necessidade surgiu em um momento em que alguns estados brasileiros estavam passando por crises climáticas e fundiárias, a região que mais afetado era o Nordeste, pois a seca estava acabando com a esperança de vários sertanejos, estes povos que estavam sendo prejudicados não viam nenhuma alternativa a não ser fugir deste problema, e muitos migravam para São Paulo na expectativa de melhoria para si e sua família, e isto estava causando vários problemas pois o inchaço populacional só aumentava e a maioria destes migrante não conseguiam emprego, estas situações desagradáveis estavam gerando um problema e pressionando a presidência da república.

Nesta época a Amazônia estava sendo alvo de muita pesquisa com foco nos recursos naturais alimentando muita cobiça, de acordo com o governo federal, a referida região estava praticamente sem habitantes e poderia ser tomada por outros países. Assim, resolveu criar um programa que pudesse fazer com que famílias de todo país, em busca de terra e melhorias de vida migrassem para a região da Transamazônica via o Programa Integrado de Colonização (PIC) da Transamazônica, no oeste do Pará para adquirir terras e sobreviver da agricultura promovendo geração de renda para o Brasil, ocupando um espaço que já tinha ribeirinhos e povos indígenas, os quais na visão de muitos não traziam benefícios financeiros para o Brasil. E assim, a rodovia Transamazônica começou a se redesenhar a partir de sua colonização onde pessoas de vários estados brasileiros se deslocaram de sua cidade para a região oeste do Estado do Pará á procura de melhorias e desenvolvimento, pois foi essa a proposta que o governo naquela época fazia através de propagandas que a mídia repassava as quais tinham como lema *integrar para não entregar*. Com esta promessa vários pais de família tomaram a iniciativa de migrar para o Pará e se instalar aqui na região da Transamazônica um dos mais comentados projetos governamentais do Brasil.

Os recursos do Programa de Integração Nacional serão creditados, como receita da União, em conta especial no Banco do Brasil S.A. Art. 2o A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá.(PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – CASA CIVIL, 1970).

Quando o recurso foi liberado as primeiras máquinas para obra começaram a chegar à região, no ano de 1970 a estrada começou a ser modelada por escavadeiras, tratores e as mãos de homens que viam em cada clareira de mata uma oportunidade de um dia próximo plantar, cultivar e se apropriar de terras mistas com cheiro de desenvolvimento e de esperança. Como mostra nas imagens.

Foto 1: Máquinas da construtora Queiroz Galvão na abertura da Rodovia Transamazônica, 1970.



Fonte: cedida pela SEMAT de Altamira, 2007.

Os desafios que estes migrantes e suas famílias encontravam eram severos, pois no dia a dia os piuns¹ e outros insetos, as doenças e vários outros fatores levavam muitas famílias a retornar para seu estado de origem, e os que aqui ficavam sempre tinham esperança de que um dia aqueles obstáculos iam ser vencidos. Com a abertura da Transamazônica concluída, as vicinais também começaram a serem cortadas e em seguida a criação de agrovilas. As primeiras casas das agrovilas eram construídas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o responsável pelo PIC, para receber as primeiras famílias que iriam povoar a região da Transamazônica, estas casas eram todas de madeira e semelhante umas as outras, em todas as agrovilas o padrão de casa era o mesmo:

¹ Piuns: Insetos voadores da ordem dos simuliídeos que medem de um a quatro milímetro de comprimento e apresentam tegumento escuro, e são transmissores de filarias geradoras da oncocercose, que podem ocasionar a cegueira completa em suas vítimas.

Figura: 2- Residências em Brasil Novo



s.d.Fonte: [www.biblioteca .ibge .gov.br](http://www.biblioteca.ibge.gov.br), acessado em Abril de 2018

Para fazer parte do PIC, as famílias se inscreviam e ficavam aguardando serem chamadas para adquirir sua tão sonhada residência e o seu pedaço de terra na qual tinham expectativa de plantar colher e melhorar de vida. Muitas destas famílias ao serem chamadas a se apropriar de sua casa tão sonhada nas agrovilas ao chegar lá viam o começo de um pesadelo, pois recebiam a informação de que tinham que dividir a casa com outras famílias, e assim começavam os primeiros conflitos em torno do espaço, algumas destas famílias reagiam e lutavam para que o INCRA lhes fornecesse uma residência na qual só moraria uma família. Outros colonizadores aceitavam morar por um tempo com outras famílias, e alguns não aceitavam e iam embora. As famílias que reivindicavam seus direitos de casa própria quase sempre conseguiam, e neste contexto as agrovilas e vicinais eram povoadas por pessoas de vários estados brasileiros.

Partindo deste contexto é que surge a necessidade de buscar entender o papel feminino na história da abertura da transamazônica, e sua participação para o desenvolvimento da Comunidade Divino Espírito Santo vicinal 15. De acordo com Assis e Santos no livro memória feminina- mulheres na história de mulheres.

Com certeza vibraremos muito mais, nos entusiasmaremos muito mais com novas descobertas de mulheres e suas lutas, desejos e histórias. Essa busca de nosso passado, presente e futuro e um encontro com novas e antigas Referências (ASSIS E SANTOS. Pag. 23.2016).

Assis e Santos relatam em sua publicação as ações de mulheres que fizeram história na cultura do nosso país e narra a trajetória que as mulheres fizeram para ter seus trabalhos reconhecidos, porem somos sabedores que nem todas as mulheres brasileiras tem suas lutas citadas em livros ou revistas, aja vista que todas as mulheres tem sempre histórias de contribuição no ambiente a qual faz parte, é nesta perspectiva que esse trabalho tem como objetivo mostrar o papel de mulheres como verdadeiras protagonistas para o desenvolvimento de uma comunidade.

As mulheres que acompanharam seus maridos e suas famílias neste desafio de vida sempre têm muitas histórias de lutas e superação dentro de uma luta do dia a dia diante de uma rotina severa e desprovida de políticas públicas, pois naquela época as condições de se morar em um lugar que estava começando a ser explorado eram precárias, não existia até então nenhuma garantia de saúde, educação entre outras necessidades, para ela e sua família, mesmo assim ela estava lá cuidando dos filhos e trabalhando junto a seu marido, enfrentando léguas de distancia em busca de água ou mesmo enfrentando atoleiros e ribanceiras perigosas que se tornavam mortais com as chuvas torrentes de inverno, os piuns a malária e os animais que aqui habitavam, não faziam com que estas mulheres se fragilizassem, pois os maridos e os filhos sempre se apoiavam na força que estas pioneiras tinham para seguir a diante em busca de seus objetivos. As mulheres escolhidas para contar sua trajetória foram cinco mulheres migrantes que ajudaram a comunidade Divino Espírito Santo a se desenvolver.

2- LÓCUS

A comunidade escolhida para fazer a pesquisa foi a comunidade Divino Espírito Santo localizada na vicinal 15 próximo á cidade Brasil Novo, o foco principal desse trabalho é a participação das mulheres na referida comunidade, suas histórias no contexto social, cultural, neste processo de colonização. Segundo alguns moradores e pioneiros, a comunidade foi criada no ano de 1972, as primeiras casas foram construídas pelo INCRA para receber as primeiras famílias; No ano de 1973 a agrovila foi inaugurada e assim se deu a chegada dos seus moradores.

Nessa localidade a agricultura era predominante principalmente o cultivo de lavoura branca. O INCRA e os moradores cortaram alguns lotes para que as famílias que estavam na

agrovila pudessem plantar e vender seus produtos para começar a geração de renda e desenvolvimento da comunidade. Esta comunidade sempre contou com a colaboração feminina tanto no contexto social, quanto cultural e econômico, pois elas iam para roça, ajudavam nos mutirões fazendo comida e participavam ativamente nas questões culturais como, por exemplo, as festas religiosas e as atividades que a comunidade oferecia para entretenimento de seus moradores.

3- RELATO DAS MULHERES

As mulheres entrevistadas têm em média 40 a 72 anos de idade, moram ou já moraram na comunidade Divino Espírito Santo localizada na vicinal 15, estas mulheres foram e ainda são muito importantes para o desenvolvimento da referida comunidade no contexto social, cultural e econômico. Conforme já registrado por Coutinho, 2008 em sua tese de doutorado:

Este quadro de expressiva atuação feminina nos diversos setores da região da Transamazônica se visualiza facilmente em um processo de observação. Portanto, este trabalho vem para dar vós, lugar e foco a atuação feminina, assim como normalmente se faz com os homens: referindo-se a elas no comércio, na agricultura, na escola, na associação, no sindicato, na unidade doméstica e na produção (Coutinho, p.354,2008).

A trajetória da comunidade começa a ser contada por cinco moradoras e ex-moradoras que chegaram à comunidade nos anos de 1972 a 2000, todas de estados diferentes, Minas Gerais (MG) Rio Grande do Norte (RN), Piauí (PI), Espírito Santo (ES), Bahia (BA); Duas destas mulheres são pioneiras e vieram trazidas pelo INCRA no ano de 1972, outra é pioneira e veio também pelo INCRA mais só chegou à comunidade no ano de 1973 e veio exclusivamente para lecionar, a outra veio porque casou com um rapaz da comunidade no ano de 1995 e a outra veio morar na comunidade no ano 2000 juntamente com sua família já constituída.

4- MULHERES PARTICIPAÇÃO E POLITICAS PUBLICAS

As pioneiras Maria de Brito, Maria Lucia e Maria do Amparo Leite relatam que ao chegar à comunidade não existia quase nada, pois a comunidade estava começando a se desenvolver, Maria Lúcia e Maria de Brito relatam que as casas da agrovila eram todas completas e no mesmo padrão todas construídas pelo INCRA; Quando chegaram na comunidade haviam muitos moradores, apesar de que alguns já tinham ido em bora por causa do pium e também por motivo de doença, não tinha água encanada, todo mundo ia buscar água nas minas; transporte também não tinha, os lotes da vicinal estavam começando a serem cortados pelo INCRA e pelos pioneiros.

Uma vez por semana, na terça-feira entrava um carro da ação social que transportava os moradores, mas geralmente o jeito era ir de pé mesmo até a faixa, era tudo muito difícil segundo elas, pois a estrada era muito fechada pela mata e às vezes tinha muita lama, as pessoas tinham que carregar os sacos de feira na costa e os meninos pequenos atrás cada um com alguma coisa nas costas também as ladeiras eram muito altas, e poucas pessoas tinham animal. Segundo Maria Lúci

Se nós fizéssemos uma feira grande então os meninos tinha que ir tudo para ajudar a trazer, pois eram muitos quilômetros de distância e a estrada era muito ruim, quem não tinha muito filho sofria, pois uma pessoa sozinha não dava conta de trazer a feira toda de uma vez só, era tudo muito difícil (Entrevista cedida em fevereiro de 2018).

Na localidade tinha um postinho da COBAL² que foi construído pelo governo e as pessoas pegavam mantimentos lá, mas não durou muito tempo, a escola era de madeira e também funcionava como igreja católica. Outras duas mulheres que chegaram depois da comunidade já organizada em sua estrutura, relatam que ao chegarem à comunidade já havia escola de alvenaria, também já tinham feito uma igreja, uma associação do sindicato, essa associação funcionava numa casa, mas a mesma não durou muito tempo.

Sobre a contribuição delas nas atividades coletivas da comunidade, uma das entrevistadas, dona Maria, relata que fez muita comida para os homens no mutirão para construir a igreja, outra dona Maria Lucia, diz que sempre pode colaborar no mutirão, ajudou muito a fazer leilão para ajudar na construção da igreja, também reivindicou para trazer melhorias para a comunidade, duas outras lideranças da comunidade trabalharam como

² COBAL - Companhia Brasileira de Alimentos.

professoras, a primeira professora da comunidade foi a senhora Maria do Amparo Leite, ela colaborou muito para o desenvolvimento intelectual das crianças e da comunidade no ano de 1972, ela trabalhou com a turma de primeira a quarta série, como era chamada naquela época.

A outra professora Maria Aparecida relata que ao chegar à comunidade ela trabalhou na escola na função de servente, e mobilizou a comunidade para trazer o ensino fundamental maior do quinto ao nono ano. Organizou a comunidade para irem à Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para abrir a turma, foi ela também quem trabalhou com essa turma, era uma turma de multisseriada e tinha dez alunos. Ela conta que teve que trabalhar com todas as disciplinas.

Também ajudou a formar uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa professora trouxe para a comunidade o programa Brasil alfabetizado, e junto com algumas outras pessoas foi atrás das reformas da escola da comunidade, todos estes recursos foram buscados para manter a escola funcionando na comunidade e assim os estudantes não precisasse se deslocar para ir estudar na cidade e consequentemente, perdendo sua identidade assim como afirma Leite:

A função da escola é ensinar, transmitir valores e traços da história e da cultura de uma sociedade. A função da escola é permitir que o aluno tenha visões diferenciadas de mundo e de vida, de trabalho e de produção, de novas interpretações de realidade, sem contudo, perder aquilo que lhe é próprio, aquilo que lhe é identificador (LEITE, 1999, p.99).

É através da escola que o conhecimento passa a ser compartilhado, a Professora Maria Aparecida até hoje colabora na educação das crianças da comunidade pois continua atuando como professora no ensino fundamental menor e coordenadora da Escola Planaltina que se localiza na agrovila da comunidade.

A outra liderança feminina entrevistada, Elieide Bispo, relata que quando chegou à comunidade trabalhou quatro anos na escola na função de servente e começou a participar das atividades da igreja, ela colaborou e colabora até hoje nas celebrações, nos encontros de vizinhos e também tem uma grande participação nas atividades culturais da comunidade.

A primeira entrevistada dona Maria de Brito, em seu relato conta que suas maiores dificuldades foram os piuns e que sofreu muito com uma das filhas quando criança adoecia muito e demorava a se recuperar, ela também cuidava de sua mãe que era cadeirante, porém ela ficava muito feliz em poder estar contribuindo mesmo que fosse só fazendo a comida para os homens do mutirão. A segunda entrevistada dona Maria Lucia conta que teve muita

dificuldade, pois não conseguia juntar a comunidade para correr atrás de algumas melhorias para a própria comunidade. Ela conta que não foi em todas as lutas que ela teve êxito, pois teve um tempo que ela teve que desistir de uma causa por não ter o apoio de quase ninguém da comunidade e a pedido dos próprios filhos ela teve que abrir mão daquela luta:

Quando tem um grupo forte que funciona junto, que caminha junto fica mais fácil, mas quando este grupo não existe fica difícil, porque uma pessoa só não dá para resolver as situações, se for um grupo maior as coisas ficam mais fácil, principalmente se estiver alguém neste grupo com mais conhecimento. (Entrevista cedida em Fevereiro de 2018)

A mesma relata que tudo era muito difícil, não tinha estrada, não tinha muito transporte e quando a comunidade começou a chegar algumas melhorias, muitos cresceram os olhos com outros interesses e dividiram a comunidade em dois grupos **A** e **B** isso fez com que vários comunitários se afastassem da igreja, fora também os problemas de saúde que ela e sua família enfrentam até hoje por causa destas situações.

Já a primeira professora e pioneira Maria Do Amparo Leite, conta que a sua maior dificuldade foi os piuns que picavam constantemente dia e noite, e a falta de material didático para seus estudantes; Já professora Maria Aparecida relata que sofreu muito com os problemas de saúde; a senhora Elieide Bispo relata que não encontrou muita dificuldade, pois a comunidade estava organizada as dificuldades que apareciam eram as de sempre, mas a comunidade se juntava e resolviam.

5- MULHERES, LAZER E CULTURA

Segundo dona Maria de Brito, uma das primeiras migrantes, quando chegou às pessoas da comunidade gostavam de brincar muito, quando era festa de São João, não tinha quadrilha mais o povo fazia comida, pulava fogueira era muito animado. Outra entrevistada dona Maria Lúcia, conta que na naquela época, tinha muita apresentação nas celebrações principalmente no Natal e na Semana Santa, as pessoas se reuniam para apresentar alguma estória da bíblia, as meninas faziam apresentações decoradas sem ter que estar com a bíblia na mão. Antes tinha grupo de jovens e vinham também jovens de outra comunidade.

A primeira professora da comunidade Maria do Amparo Leite lembra, que as pessoas da comunidade também gostavam muito de jogar futebol; A professoras Maria Aparecida relata que quando chegou todo ano tinha quadrilha e também a festa do padroeiro da comunidade que é a única que ainda hoje predomina; Já Elieide Bispo fala que quando

chegou à vicinal as pessoas gostavam muito de ir tomar banho nos fins de semana na Caverna Planaltina conhecida hoje como Raízes do Xingu que na naquela época era liberada a toda população, hoje para irem lá fazer um momento de lazer tem que pagar para entrar outra diversão também que existia era o futebol, e as festas da igreja católica.

Sobre a promoção e organização das atividades culturais da comunidade, a dona Maria de Brito, conta que não dançou e nem fez frente às atividades culturais da comunidade mais sempre que podia participava com sua presença, a senhora Maria Lúcia relata que sempre participou, mas também nunca promoveu, sempre fez o que pode para ajudar na limpeza da igreja e na limpeza da escola. Teve um tempo que ela ajudou no encontro de catequese. A senhora Maria do Amparo Leite, lembra que não chegou a participar de nenhuma atividade, a professora Maria Aparecida, disse que participou dançou também nas festas de quadrilha, ela recorda que houve uma quadrilha na Escola Planaltina na qual uma estudante com necessidades especiais e cadeirantes participou e dançou na quadrilha, Maria Aparecida relembra com saudade e enfatiza dizendo: “Pense numas festas boas era aquelas festas, era tão bom naquele tempo”. A senhora Elieide Bispo, declarou que liderou as festas de quadrilha ativamente dançando e mobilizando as pessoas a participarem dos leilões que ocorriam no decorrer dos eventos.

Sobre os desafios para promover atividade de lazer e cultura, a senhora Maria de Brito, diz que não enfrentou nenhum desafio antes porque ela só ia para brincar e se diverti, hoje relata que tem enfrentado alguns desafios, pois quase não tem quem a leve para participar das festividades na comunidade, pois ela depende da iniciativa de outras pessoas para levá-la e quase todos já têm suas companhias.

Já a senhora Maria Lúcia, relata que enfrentou muitos desafios, pois segundo ela houve um tempo em que as pessoas começaram a se afastar das programações da igreja católica na comunidade, e jogarem umas contra as outras, e diziam que tudo que dava errado na organização a culpa era dela e de sua família, com isso as pessoas não iam mais às celebrações, e muitos diziam que não se sentiam bem com a presença dela e que não iam à igreja porque ela estava lá, esta situação a deixou muito triste e até hoje a saúde dela e de sua família esta sendo afetada por este acontecimento.

A senhora Maria do Amparo Leite, relata que não enfrentou nenhum desafio, pois só participava dos eventos, mas não liderava.

A professora Maria Aparecida, diz que seu maior desafio foi a preocupação de agradar todo mundo e também ter que lidar com o uso de bebidas alcoólicas nas festas da escola. A senhora Elieide Bispo em seu depoimento relata que o maior desafio enfrentado por ela foi ter que fazer as pessoas entenderem que ela sempre quis o melhor para a comunidade, pois era taxada de ousada e até sua reputação foi colocada em jogo por ela ser extrovertida e conversar com todo mundo.

6- MULHERES MIGRANTES E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Todas as entrevistadas relataram que as mulheres da comunidade sempre estão à frente liderando alguma atividade coletiva, mas que não existe nenhum movimento de mulheres, quando a comunidade vai fazer algum evento ou alguma reunião é sempre elas que estão lá agindo diretamente para o bem de todos, quando alguém da comunidade está passando por alguma dificuldade são as mulheres que são procuradas para resolverem ou correrem atrás de melhorias.

Dentre as moradoras mais antigas, uma diz em seu relato que sua maior contribuição foi ajudar comprando rifas e fazendo comida para que a Igreja e a escola fossem construídas, a outra teve muita participação na construção da igreja, pois ela vendia muita rifa e também comprava para arrecadar dinheiro, ela também recorda que contribuiu muito para trazer água para as famílias da agrovila, fez muitas reivindicações e também trabalhou no serviço braçal para instalação de um poço comunitário.

A primeira professora da comunidade diz que contribuiu com o desenvolvimento intelectual das crianças, pois ela foi a primeira a alfabetizar na comunidade, conta que teve que desenvolver mecanismos para que as crianças não perdessem o ano letivo, então se estivessem dois irmãos na escola estudando e ao mesmo tempo tendo que ajudar os pais na roça ela pedia que um fosse uma semana para a escola e o outro fosse na outra semana assim, eles não perdiam o direito à aprendizagem na escola e nem os pais perdiam uma mão de obra importante naquela época. Com esta preocupação de manter os alunos na escola ela diz que tem orgulho de hoje ter ajudado a transformar aquelas crianças em grandes lideranças hoje não só na comunidade, mais também no município e região.

A professora Maria Aparecida, relata que ao atuar como professora na comunidade ela sempre se preocupou em repassar aos seus educandos todos os conhecimentos que ela havia adquirido, e sempre deu a oportunidade para que seus estudantes compartilhassem também seus saberes, pois hoje ela tem muito orgulho de ver a maioria de seus antigos estudantes formados ou se formando em professores também, outros são ou já foram professores da escola da comunidade.

7-ATUALMENTE COMO SE ENCONTRAM AS ENTREVISTADAS

Atualmente só moram na comunidade Divino Espírito Santo dona Maria de Brito que está aposentada mais nunca deixou de colaborar com as atividades da comunidade, Maria Aparecida que é liderança na comunidade e também Elieide Bispo, Maria do Amparo e Maria Lucia já não residem mais na comunidade. Maria do Amparo foi embora para o Km 240 que fica a dez quilômetros da cidade de Placas ainda no estado do Pará, hoje ela trabalha na pastoral da criança e não leciona mais, Maria Lucia mora na cidade de Brasil Novo, Pará ela teve que ir para a cidade, pois ela e seu esposo passam por problemas de saúde, mas ainda tem um lote na vicinal 15 e sempre que pode ela vai lá, a sua participação nas atividades da comunidade ainda ocorre, pois em quase todos os eventos ela sempre está colaborando.

8-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade Divino Espírito Santo localizada na vicinal 15, sempre teve as mulheres como verdadeiras protagonistas do desenvolvimento social, cultural e econômico da mesma, apesar do apagamento, pois poucas mulheres são lembradas, aja vista que não só as mulheres entrevistada fizeram parte da história do desenvolvimento da comunidade, mas muitas outras que por motivo de idade já não se lembram de sua trajetória, outras já morreram. Todas essas mulheres sempre agiram ativamente nas ações para trazer melhorias para a comunidade.

Este artigo registra a importância que estas mulheres têm como lideranças fortes e ao mesmo tempo alicerce na comunidade isto porque é a elas que todos procuram quando existe algo a ser resolvido, são elas que fazem a frente das reuniões ou até mesmo saem de casa em casa para arrecadar ajuda para eventos que trazem alegrias e melhorias para a comunidade, estas mulheres tem famílias tem seus afazeres domésticos e outras ocupações e mesmo assim ainda se importam com o desenvolvimento da comunidade.

Outro fator que me motivou a contar a história destas mulheres guerreiras foi mostrar para as pessoas o quanto é importante valorizar as mulheres, pois muitas são vistas apenas como coadjuvantes de uma história na qual às vezes, a figura masculina é tratada como sinônimo de verdadeiros heróis, verdadeiros desbravadores não só da comunidade Divino Espírito Santo, mas em outras histórias da Transamazônica nas quais a palavra mulher nem aparece nas entrelinhas de longas lutas e vitórias que o mundo lê a todo tempo, nos livros jornais e revistas. Não só a história da comunidade Divino Espírito Santo, mas a história da Amazônia ou abertura da Transamazônica teve o protagonismo de mulheres à frente de alguma batalha. Para, Coutinho autora da tese *Mulheres Migrantes da Transamazônica*, 2008.

As particularidades da atuação feminina não são enfrentadas nesses textos, e nem mesmo a produção acadêmica tem voltado sua atenção para as personagens de construção do cotidiano na transamazônica (Coutinho, p.22,2008)

Muitas destas mulheres já se foram sem nem se quer ver seu nome eternizado em um livro ou artigo, e os seus filhos ou netos nem sabem das lutas por traz de uma vida inteira de suas genitoras.

9-Referências

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA- CASA CIVIL. Decreto-Lei nº1. 106 de 16 de junho de 1970. Disponível em [www.planalto.gov.br.acesado](http://www.planalto.gov.br/acesado) em seis de março de 2018

SEMAT DE ALTAMIRA, 2007-Acessada em seis de março de 2018.

www.biblioteca.ibge.gov.br- Acessada em 6 de março de 2018

Assis, Maria Elizabete Arruda de Assis e Santos, Taís valente dos Santos, MEMORIA FEMENINA – MULHERES NA HISTÓRIA DE MULHERES. Pág., 23, 2016.

Coutinho, Maria Ivonete Coutinho da Silva. Mulheres Migrantes na Transamazônica: Construção da ocupação e do fazer Política. 2008. 374. Tese- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Par, Belém.

LEITE, S.C. **Escola Rural:** Urbanizações e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

10-ANEXO

Entrada da agrovila Planaltina vicinal 15



Fonte: fotos pessoais da pesquisadora, 2016.



Foto 4- festa de quadrinha evento cultural; Imagem cedida, pela entrevistada Elieide Silva Bispo.

Foto: Caverna raízes do Xingu



Foto tirada do arquivo pessoal da pesquisadora, 2012.

Foto 3- Igreja da agrovila Planaltina, localizada na vicinal 15.



Fonte: tirada pela própria pesquisadora, 2012.